

AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013: O #VEMPRARUA NO BRASIL

The June Journeys of 2013: the #vemprarua in Brazil

Las jornadas de junio 2013: el #vemprarua en Brasil

Henrique Antoun

Professor Doutor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Eco-UFRJ).

Email: hantoun@gmail.com

Paula Falcão

Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Eco-UFRJ).

Email: paulafalcaos@gmail.com

Resumo

Em junho de 2013, uma onda de protestos tomou conta do Brasil, deixando evidente um recente empoderamento da multidão. Grande parte disso justifica-se pelo fato de a população ter incorporado novas tecnologias ao seu cotidiano. Se antes os relatos dos movimentos sociais ficavam a cargo do monopólio da mass media, hoje os cidadãos comuns tornaram-se atores ativos no processo de narração dos fatos sociais. Neste trabalho, analisamos a rede formada pela hashtag #vemprarua no Twitter. Para isso, capturamos 108.158 tweets, no período de 15 de junho a 15 de julho 2013, e geramos grafos no Gephi a fim de possibilitar a visualização e a identificação dos atores dessa rede e de suas interações ao longo desse recorte mensal. Indo mais além, optamos por estudar a explosão da rede #vemprarua no Twitter, isto é, o início e a solidificação de seu uso ao longo dos protestos. Sendo assim, analisamos os dados específicos dos dias 15, 16 e 17 de junho de 2013, separadamente, para entender quais os atores iniciais dessa rede.

Palavras-chave: Internet. Protesto. Multidão. Resistência. Rede. Gephi.

Abstract

In June 2013, a wave of protests swept Brazil, showing up a recent empowerment of the crowd. Much of this is justified by the fact that the population has embodied new technologies into their daily lives. If earlier reports of social movements were in charge of the monopoly of the mass media today ordinary citizens have become active actors in the narrative process of social facts. In this paper, we analyze the network formed by the Twitter hashtag #vemprarua. In order to do so, we captured 108,158 tweets in the period from June 15 to July 15, 2013, and we generated graphs on Gephi in order to facilitate the visualization and to identify the interaction of the actors in this network. Therefore, we chose to study the “explosion” of the Twitter network #vemprarua. For this, we analyzed datasets from days 15, 16 and June 17, 2013, separately, to understand who are the original actors in this network.

Keywords: Internet. Protest. Crowd. Resistance. Network. Gephi.

Resumen

En junio de 2013, una ola de protestas tuvo en cuenta Brasil, dejando claro un empoderamiento reciente de la multitud. Mucho de esto se justifica por el hecho de que la población ha incorporado nuevas tecnologías a su vida cotidiana. Si antes los informes de los movimientos sociales estaban a cargo del monopolio de medios de comunicación, ahora ciudadanos se han convertido en agentes activos en el proceso de la narración de los hechos sociales. En este trabajo se analiza la red formada por hashtag #vemprarua en Twitter. Para ello, hemos capturado 108,158 tweets, del 15 de junio al 15 de julio de 2013, y generamos grafos en Gephi para permitir la visualización e identificación de los actores de esta red y sus interacciones a través de este corte mensual. Yendo más lejos, decidimos estudiar la explosión de la red #vemprarua en Twitter, es decir, el principio y la solidificación de su uso durante las protestas. Por lo tanto, se analizaron los datos de 15, 16 y 17 de junio de 2013, por separado, para entender quién son los actores de esa red en su principio.

Palabras clave: Internet. Protesta. Multitud. Resistencia. Red. Gephi.

Introdução

O ano de 2010 foi o marco inicial do levante da multidão em protestos que se espalharam por todo o globo. Em dezembro desse ano, teve início a Primavera Árabe, no oriente médio e no norte da africano. Em maio de 2011, um movimento intitulado 15M tomou as ruas da Espanha. No mesmo ano, nos Estados Unidos, o movimento Occupy Wall Street de fato ocupou diversas cidades do país. Dessa maneira, uma onda de indignação foi tomando todo o mundo. No Brasil não foi diferente. Em meados de 2011, com a realização das Marchas da Maconha, da Liberdade e das Vadias, já se anunciava que os brasileiros também estavam tomados pelo desejo de ir às ruas lutar por suas causas.

Em junho de 2013 veio o estopim dessas lutas. Milhares de moradores da capital paulista, pautados pelo Movimento Passe Livre foram às ruas contra o aumento da tarifa dos ônibus municipais. Houve violência policial e vários manifestantes e policiais ficaram feridos. A partir daí a indignação contra a repreensão aos manifestantes tomou conta de todo o país, além do desejo de colocar suas reivindicações em voga. Inúmeras capitais e cidades interioranas foram às ruas para defender causas heterogêneas como: melhoria na mobilidade urbana, fim da corrupção, contra a violência policial, os gastos públicos com a Copa das Confederações realizada em 2013 e a Copa do Mundo FIFA de 2014, entre outras.

Em resposta às maiores manifestações populares realizadas no país desde as mobilizações pelo impeachment do então presidente Fernando Collor em 1992, o governo brasileiro anunciou várias medidas para tentar atender às reivindicações dos manifestantes e o Congresso Nacional votou uma série de concessões, como ter tornado a corrupção um crime hediondo, arquivando a chamada PEC 37 - que limitaria o poder de investigação criminal a polícias federais e civis, retirando-o de outras organizações, como o Ministério Público - e proibindo o voto secreto em votações para cassar o mandato de legisladores acusados de irregularidades. Houve também a revogação dos então recentes aumentos das tarifas nos transportes em várias cidades do país, com a volta aos preços anteriores ao movimento.

Grande parte desse recente empoderamento da multidão no que tange aos assuntos e manifestações citados acima

ocorreu em simultaneidade com a assimilação e a incorporação dos novos meios de comunicação por parte da população. A partir da última década do século XX - principalmente no início de século XXI -, as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) tornaram possível novas formas de articulação e mobilização por parte da população. Tudo isso graças à disseminação do acesso aos dispositivos móveis e às redes sociais online, que fez surgir uma nova forma de produção e difusão de conteúdo: a partir deste momento, pessoas comuns tornaram-se tecnologicamente aptas a relatar suas próprias vidas e suas experiências de mundo. Ao assumir a função de narradores de sua própria história, esses cidadãos acabam, consequentemente, por se libertar das amarras das fontes tradicionais de informação - a "grande mídia".

A metodologia aplicada neste trabalho teve como base o conceito de *big data*: coleta e análise de grandes volumes de dados obtidos online. Todos os dados utilizados foram extraídos do Twitter a partir de um processo de mineração de dados. O primeiro passo foi a filtragem do material através do YourTwapperKeeper, um *software* utilizado para captura e armazenamento de dados da plataforma. Esse programa rastreia os *tweets* associados a uma determinada pesquisa, para em seguida serem compilados em um arquivo geral, que pode ser de diversas extensões, como .csv, .html, entre outros.

Escolhemos o Twitter como fonte de dados por duas principais questões: 1) o Twitter possui a API (*Application Programming Interface*) aberta, permitindo o desenvolvimento de aplicativos que podem usufruir das informações disponíveis nessa rede, o que torna possível fazermos uma busca para recolher todas as mensagens ligadas ao termo de busca escolhido; 2) tal rede foi fundamental para a articulação das mobilizações dos protestos no Brasil. Ao total, foram analisados 108.158 *tweets* - na soma entre *tweets* e retuites (RTs), o número é de 449.094. Nesta publicação, optamos por estudar somente as redes geradas pelos RTs.

Para este trabalho em particular, selecionamos a *hashtag* #VemPraRua, que foi rastreada no período de 15 junho até 15 julho de 2013. A escolha pelo #vempraruá se deu como forma de tentar catalogar a maior parte das informações que as pessoas escreviam no Twitter sobre esse período, já que essa foi a *hashtag* mais utilizada durante os protestos. Além

disso – e talvez isso explique o porquê de esta ter sido a mais utilizada –, essa é uma *hashtag* geral, pois não trata de uma causa específica diretamente.

A etapa posterior à mineração e processamento é a visualização dos dados utilizando o *software open source* (de código aberto) Gephi de análise de redes complexas, que também cria visualizações e aplica métricas capazes de fornecer a dinâmica de formação e funcionamento da rede de RTs ligada à *hashtag* #vemprarua. Para esse trabalho, utilizamos os layouts Force Atlas 2, Fruchterman Reingold e Ajustar Rótulos. Além disso, aplicamos a ferramenta Spline, que permite, por meio de curvas, filtrar os dados de maneira que os grandes e pequenos nós estejam presentes no grafo gerado.

Primeiramente, vale explicar que grafos são redes expressas matematicamente, constituídas por um conjunto de pontos (chamados de nós) conectados por linhas (chamadas de arestas) que expressam uma relação entre esses nós. Freitas (2010) explica que, em grafos gerados a partir de redes sociais, os nós representam os atores e as arestas, as relações entre eles.

Além dessa análise da rede geral #vemprarua ao longo de um mês, optamos também por analisar o momento de explosão do uso dessa *tag* durante os protestos, que ocorreu entre os dias 15 e 17 de junho de 2013. Depois de analisar o #vemprarua como um todo, fizemos também um estudo sobre esses três dias iniciais da *tag*, gerando grafos dos dias 15, 16 e 17 separadamente, a fim de saber como se constituiu e se solidificou a rede #vemprarua no Twitter. No que tange ao dia 17, que foi o dia em que a *tag* e os protestos de fato explodiram, decidimos separá-lo em fases, para efeito de comparação: madrugada (00h às 6h) e noite (18h às 00h). Tudo isso com a intenção de melhor analisar quem foram os principais atores/usuários do #vemprarua nos protestos durante o início das manifestações no Brasil.

O principal objetivo deste artigo é identificar como se constituiu a rede do #vemprarua ao longo dos protestos no Brasil, a partir da descoberta e análise de quem foram os principais atores das manifestações na rede, principalmente em seus primeiros dias. Além disso, buscamos entender o que muda na sociedade a partir da apropriação das novas tecnologias por parte da população.

O ciberativismo e a lógica do compartilhamento

Um ciberativista é alguém que utiliza a internet para difundir um discurso e colocar à disposição pública ferramentas que devolvam às pessoas o poder e a visibilidade que hoje monopolizam as instituições. (...) A potência das redes distribuídas só pode ser aproveitada plenamente por aqueles que acreditam em um mundo de poder distribuído. (DE UGARTE, 2006)

Diversos são os instrumentos que permitem e auxiliam a descentralização dos meios de produção comunicacional, como computadores pessoais, softwares livres, câmeras fotográficas digitais, *mobiles* e câmeras de vídeo. Pode-se dizer que a produção colaborativa possibilitada por essas ferramentas fomenta e gera novas mídias livres a todo instante. A cultura colaborativa em rede se acelera principalmente devido à essa democratização das ferramentas de produção.

Diferente do ativismo convencional, esse novo ativismo com ausência de líderes e as cúpulas das “revoluções” horizontais dificultam o trabalho do oponente, ao tentar destruí-las. As mobilizações sociais que apresentamos neste trabalho apresentam uma organização sem hierarquias baseada em uma estrutura em rede distribuída.

Genealogia dos protestos no Brasil

O ano de 2010 foi o marco inicial do levante da multidão que se observa até os dias de hoje em todo o globo. Em dezembro desse ano, teve início a Primavera Árabe, quando populações de países do oriente médio e do norte africano foram às ruas para se manifestar contra as tentativas de repressão e censura na internet por parte dos Estados, as más condições de vida, além do desemprego e da injustiça política e social de seus governos. Segundo Rosiny (2012), a autoimolação do jovem Mohammed Bouazizi em razão do confisco, pelo governo da Tunísia, de seu único meio de sobrevivência – uma singela barraca de legumes – foi o estopim para que algo impactante acontecesse no mundo árabe. A partir daquele final de ano de 2010, sucessivas revoltas, deflagradas por pequenos grupos, depois atingindo grandes massas e se espalhando como um efeito “dominó” por todo o Norte da África e Oriente Médio, determinaram inesperadas

perspectivas sobre o futuro político, constitucional e social desses Estados.

Uma característica fundamental da Primavera Árabe é sua transnacionalidade: o episódio desencadeante de Túnis, na Tunísia, foi fonte de inspiração para outros movimentos no Egito, Marrocos, Líbia, Bahrein e Síria, e ainda colocou em alerta todos os países do Golfo Pérsico, Irã e Jordânia. Tal espraiamento das revoltas foi auxiliado pela instrumentalização dos novos meios de comunicação. O papel do Facebook e da rede de televisão Al-Jazeera, tanto na coordenação de eventos e reuniões, quanto na mobilização emocional (ao mostrar imagens, vídeos e discursos em favor da mudança), deve ser ressaltado (BECK E HÜSER, 2012). O fato é que a população árabe não é a mesma de 30 anos atrás – é mais informada, composta de maior contingente de jovens universitários, com acesso a meios de comunicação e demandas democratizantes (LOPES; OLIVEIRA, 2013). A partir daí, uma onda de protestos cobriu o globo, não somente o chamado Mundo Árabe.

Na Espanha, o movimento intitulado 15M (devido à data de início, 15 de maio) tomou as ruas e praças com reivindicações que iam desde a defesa de uma democracia mais participativa, sem interferências dos bancos e das empresas, até uma luta para melhorar o sistema democrático como um todo. Sobre isso, Javier Toret (2012) afirma que um movimento auto-organizado foi se formando por milhares de pessoas anônimas nas redes sociais entre fevereiro e maio de 2011, sob o nome de Democracia Real Já (DRY – Democracia Real Ya) e com o lema de “não somos mercadoria nas mãos de políticos e banqueiros”. Inspirados na Primavera Árabe e no calor da crise econômica, esse movimento foi capaz de organizar uma mobilização coletiva e distribuída em mais de 70 cidades espanholas – ato totalmente inédito nos últimos 30 anos na Espanha.

Nos Estados Unidos, o movimento Occupy Wall Street de fato ocupou diversas cidades do país numa luta contra a desigualdade social e econômica, a ganância, a corrupção e a indevida influência de empresas – sobretudo no setor financeiro – no governo do país. E, dessa maneira, uma onda de indignação foi tomando todo o mundo. No Brasil não foi diferente. Em meados de 2011, com a realização das Marchas da Maconha, da Liberdade e das Vadias, já se anunciava que

os brasileiros também estavam tomados pelo desejo de ir às ruas lutar por suas causas.

Em 2013, o pontapé inicial dos protestos teve à frente o Movimento Passe Livre (MPL), que desde 2005 luta pela redução na tarifa das passagens do transporte público em grandes centros urbanos como Florianópolis, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Ao longo desses anos, o MPL alcançou, em geral, apenas repercussão local, conseguindo êxitos pontuais como a redução de algumas tarifas, mas sem grandes transformações na política de mobilidade pública.

Em junho desse ano, a prefeitura da cidade de São Paulo e o governo do Estado anunciaram um aumento de R\$0,20 na tarifa do transporte público urbano. Estimulada pelos ideais do MPL, a população foi às ruas nos dias 6, 7 e 11 se manifestar contra o aumento, e foi recebida com truculência por parte da polícia. Nessas manifestações, alguns manifestantes e policiais ficaram feridos. A violência policial gerou indignação e, no dia 13 de junho os protestos começaram a se espalhar por algumas cidades do Brasil.

Na cidade de São Paulo, houve muita represália policial, com vários manifestantes e inclusive jornalistas sendo feridos. Houve também muitos casos de “detenção para averiguação”, em que manifestantes foram detidos por motivos como “portar vinagre” (substância que alivia o incômodo causado pelo gás lacrimogêneo utilizado pela polícia para dispersar os manifestantes). A partir deste dia (13), uma onda de indignação fez com que houvesse um crescimento exponencial no número de participantes nas manifestações.

Essa indignação tomou as ruas por todo o país. No Rio de Janeiro, em alguns dias, as manifestações chegaram a 100 e 300 mil pessoas. Em São Paulo, a 150 mil. Em Vitória, 100 mil. Aconteceram protestos diariamente em várias cidades do Brasil entre os dias 17 ao 21 de junho. Entretanto, a questão do transporte começa a sair de pauta, por ter sido atendida em várias cidades – várias cidades conseguiram a reversão do aumento nos valores do transporte público. Em São Paulo e no Rio de Janeiro o anúncio foi feito no dia 19 de junho, mas em tom ameaçador, com governantes dizendo que isso afetaria outras áreas, como saúde e educação.

Por volta do dia 20 de junho, as manifestações tomam outro caráter, e começam a ter temas menos focados na

questão do transporte e causas cada vez mais heterogêneas. Surgem pautas como as PECs 37 e 33, a “Cura Gay”, o Ato Médico, Reforma Política e gastos exorbitantes com a Copa das Confederações FIFA 2013 e com a Copa do Mundo FIFA 2014. Além de várias outras pautas locais e específicas de cada uma das cidades envolvidas nos protestos. No dia 20 de junho, houve um pico de mais de 1,4 milhão de pessoas nas ruas de mais de 120 cidades pelo Brasil.

Estudo de caso: o #vemprarua no Twitter

Rede #vemprarua completa e sem aplicação de métricas

Com o objetivo de mostrar a rede completa do #vemprarua, de 15 de junho a 15 de julho de 2013, geramos a visualização a seguir, sem aplicação de qualquer tipo de métrica. O resultado é uma nuvem de cores (figura 1), nós (atores/usuários) e arestas (RTs), que representam todos os atores envolvidos na rede #vemprarua no período analisado. Obviamente, devido ao grande volume de dados – foram quase meio milhão de *tweets* contendo a tag #vemprarua no mês analisado –, não é possível visualizar cada ator e sua devida importância na rede. Entretanto, optamos por disponibilizar esse grafo completo, sem métrica, para que o leitor tenha a dimensão do tamanho e da importância da rede #vemprarua na data analisada.

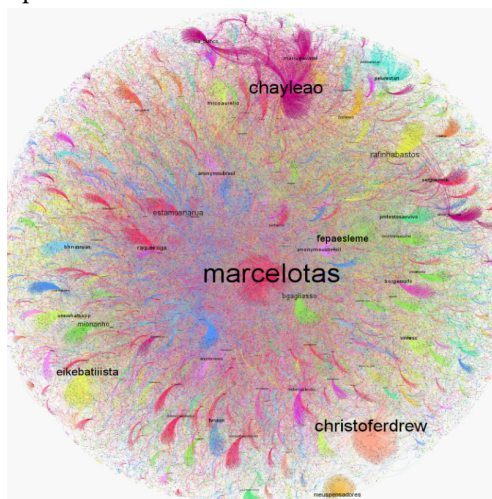


Figura 1: rede #vemprarua completa, sem aplicação de qualquer métrica.

Dia 15 de junho de 2013: a gestação do #vemprarua na rede

No primeiro dia que optamos por recortar o uso da tag #vemprarua (figura 2), é possível perceber que se destacam, em ordem de aparição 1-@Annabel_Lee: usuário(a) do Twitter; 2-@ihthiago, usuário do Twitter, aparentemente jovem; 3-@markynalmeida, conta até então ativa no twitter, mas que aparentemente foi desativada; 4-@anonbrnews: um dos perfis do Anonymous Brasil no Twitter; 5-@nataliapassos_: perfil aparentemente jovem, com a cantora Demi Lovato na foto de capa e site direcionando para o site da norte-americana. Essas foram as maiores autoridades dessa rede.

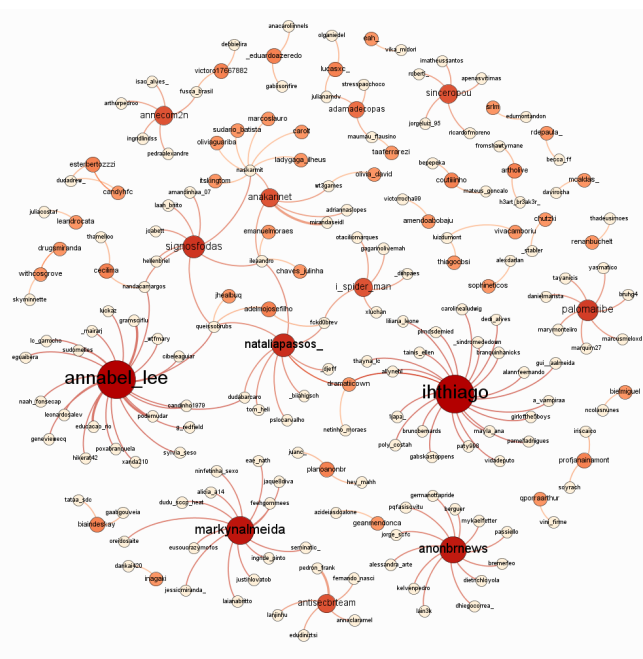


Figura 2: os principais atores do dia 15 de junho de 2013 na rede #vemprarua.

Dia 16 de junho de 2013: o #vemprarua começa a ganhar força na rede e na rua

A partir do segundo dia de análise, podemos perceber que o número de atores/usuários utilizando a *hashtag* #vemprarua aumenta consideravelmente no dia 16, em relação ao dia anterior. Nesse dia, os atores que mais se destacaram foram, em ordem de aparição: 1-@palomaribe: esse mesmo usuário, que aparece no dia 15 de junho, mas em menor escala, no dia 16 já aparece como principal ator da rede. Trata-se da conta da usuária Paloma Ribeiro, aparentemente jovem do ensino médio, tem em seu fundo de capa a imagem de um galã do cinema americano; 2-@danielbovolento: perfil do publicitário Daniel Bovolento, escritor no @ksalsemvergonha e entretodascoisas.com.br; 3-@leoni_a_jato: perfil oficial do cantor Leoni; 4-@inthiago: usuário do Twitter, aparentemente jovem; 5-@lulzsecbrazil: perfil autodenominado de A Jangada do LuLz, que conta com cerca de 33 mil seguidores (quando visualizado).

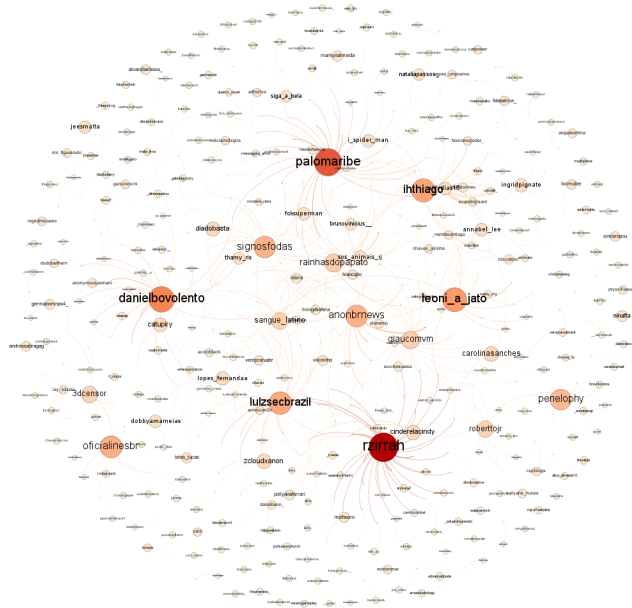


Figura 3: os principais atores do dia 16 de junho de 2013 na rede #vemprarua.

Dia 17 de junho de 2013: Rede Completa

Geramos um grafo (figura 4) a fim de mostrar a rede do dia 17 de junho completa, isto é, contém dados do dia inteiro. Quem mais se destacou, nesse dia foram os perfis: 1-@marcelotas, 2-@chayleao, 3-@eikebatiiista: perfil humorístico e fake sobre Eike Batista, empresário brasileiro com atuação nos setores de energia, petróleo e gás, 4-@fepaesleme.

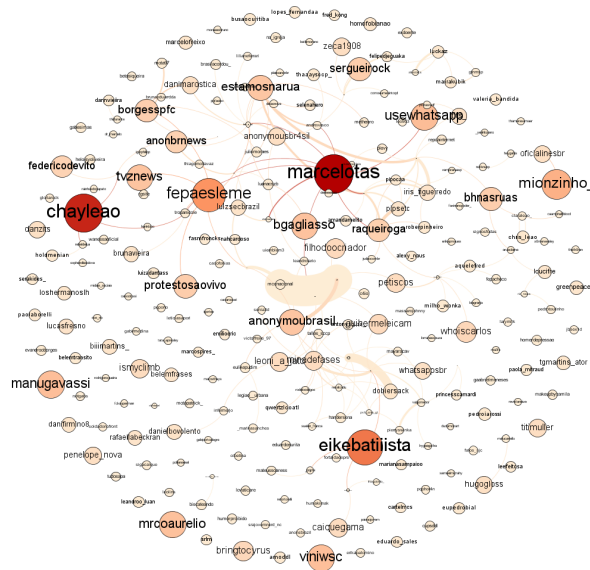


Figura 4: os principais atores do #vemprarua no dia 17 de junho de 2013.

Dia 17 de junho de 2013: a explosão do #vemprarua nas redes e na rua

Como neste dia o volume de dados recolhidos é muito grande, e a fim de entender melhor como esse importante dia de protestos se desenhou na rede, optamos por mostrá-lo em duas fases: madrugada (00h às 6h) e noite (18h às 00h). Começaremos a análise na ordem do dia, para que seja possível estudar quem foram os atores responsáveis pela constituição e pelo fortalecimento dessa rede.

Madrugada: os principais atores do #vemprarua na madrugada do dia 17

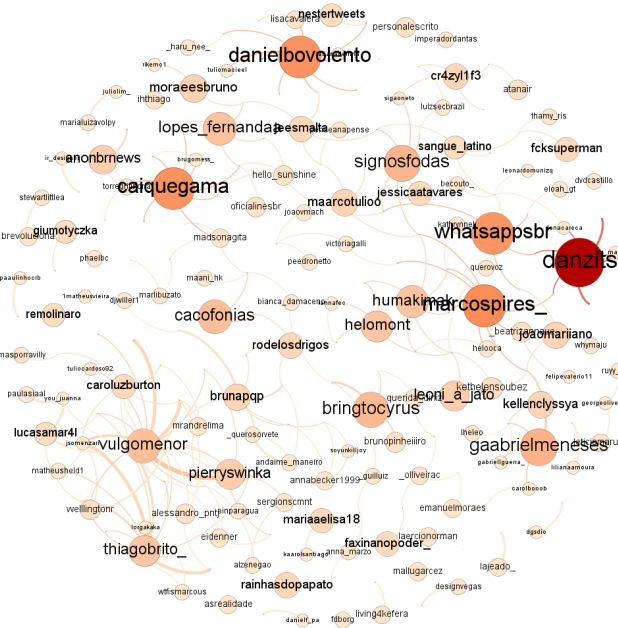


Figura 5: Os principais atores da rede #vemprarua na madrugada do dia 17 de junho de 2013.

Durante a madrugada do dia 17, os atores que se destacaram foram, em ordem de aparição: 1-@danielbovolento: perfil do publicitário Daniel Bovolento, escritor no @ksalsemvergonha e entretodasascoisas.com.br; 4-@caiquegama: perfil do jovem de 19 anos, Caique Gama, integrante da boyband Fly, tem 139 mil seguidores (quando consultado), 5-@whatsappsbr: perfil que traz na bio “Frases de Whatsapp e Twitter. Parodia”.

Noite: os principais atores do #vemprarua na noite do dia 17

Na noite do dia 17 de junho, os usuários mais destacados foram, em ordem de aparição: 1-@chayleao, 2-@marcelotas, 3-@mionzinho_, 4-@manugavassi: perfil da cantora Manoela Gavassi, com mais de mil seguidores; 5-@viniwsc: perfil do

jovem Vinicius Sousa, que traz em sua descrição “preguiçoso demais pra escrever frases inteligentes” 6-@mrcoarelio: aparentemente jovem ator Marco A. Bianchini, que traz em sua bio “Ator. Guiado por Deus, iluminado e protegido pela força de Zeus”.

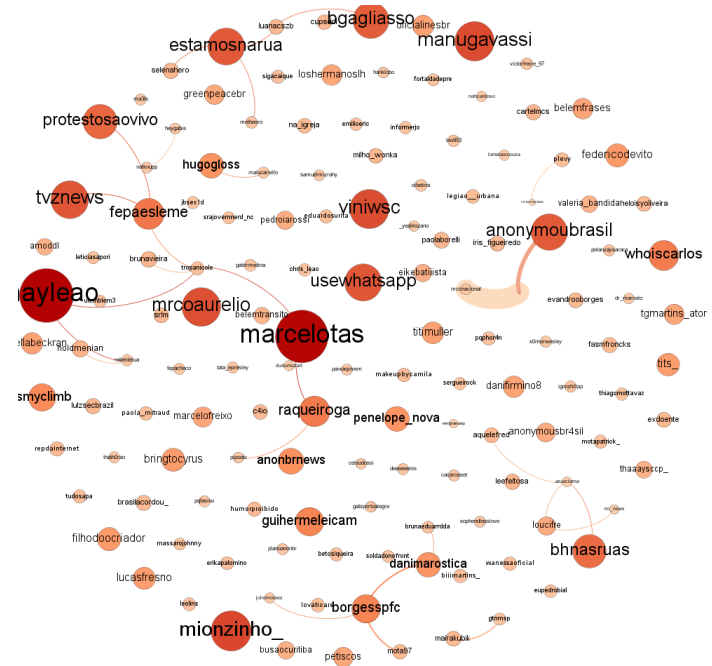


Figura 6: os principais atores do #vemprarua na noite do dia 17 de junho de 2013.

Considerações finais

Como dissemos no início deste trabalho: uma onda de protestos invadiu o Brasil em junho de 2013. Se antes as manifestações populares ficavam a mercê apenas da cobertura jornalística da grande mídia, de alguns anos para cá, a população empoderou-se da narrativa dos fatos e agora pode narrar sua própria história. Isso é possível graças à apropriação por parte da população de novas tecnologias, como Internet e celulares.

Sendo assim, o relato dos protestos de junho de 2013 no Brasil teve sua narrativa feita a partir de dois principais

olhares: a visão da grande mídia diante dos fatos, isto é, das grandes empresas de comunicação, e também a visão de cada manifestante que estava na rua protestando ou em casa apoiando os protestos via internet.

O que muda quando a sociedade passa a ter acesso também aos conteúdos criados livremente, de fontes alternativas, sem ligação direta com empresas ou corporações, conteúdos criados por apenas cidadãos? Muda, em primeiro lugar, a opinião pública. Se antes a população era considerada “massa de manobra” da chamada grande mídia, hoje os jovens ativistas de rua ou de sofá são legitimamente considerados criadores e distribuidores de conteúdo e informação, conforme podemos observar pela análise dos *tweets* nos grafos apresentados. O que permite que a opinião pública não só deixe de seguir os moldes das *mass media*, mas também que a opinião pública agora passa a ser moldada, em grande parte, pelo próprio público.

Claramente, esse processo não teve início em 2013 no Brasil, mas sim com a Batalha de Seattle, com a Primavera Árabe, com o movimento Occupy Wall Street, enfim, com a cultura hacker. O que todos têm em comum é o fato de funcionarem em rede, produzindo novos conteúdos e linguagens de trabalho e possibilitando a distribuição de informação livremente. Como sinaliza Castells (2013), são redes de indignação e esperança que lutam pelos seus ideais.

Segundo Tascón e Quintana (p.266, 2012), até o momento, a rede tem resistido e tem portado as ferramentas e os valores que estão propiciando as novas revoluções. Para que continue assim, dependerá em grande parte de que os cidadãos sejam conscientes da reversibilidade desta situação e de suas consequências. Segundo Hardt e Negri (2005), uma das demandas políticas centrais da multidão é essa: o direito à reapropriação dos meios de produção. O que vem sendo conquistado a partir do uso das redes sociais, como comprovam as jornadas de junho analisadas nesse trabalho. Eis uma forma de resistência.

Com base nos estudos realizados neste trabalho, comprovamos a hipótese de que os usuários de Twitter que são famosos televisivos aparecem sim com grande destaque na rede geral do #vemprarua, mas que, analisando os pormenores, percebe-se que do dia 15 ao dia 17, quem de fato constituiu a rede #vemprarua e a fez crescer cada vez mais foram os usuários desconhecidos, anônimos. Isto

significa dizer que os usuários famosos televisivos têm, obviamente, sua importância e, quando aparecem nesta rede, movimentam multidões de fãs. Entretanto, eles aparecem apenas na tarde do dia 17 de junho e ganham força na noite do mesmo dia. Ou seja, tudo o que foi construído até aí, nos dias 15, 16 e ao longo do dia 17 de junho, foi mérito de usuários anônimos do Twitter. O que queremos dizer é que a rede foi constituída sem os famosos, apenas pela multidão de indignados que se uniu em prol desse movimento. A rede existiu sem a atuação dos famosos. E existiria sem os famosos, apenas com a força da multidão.

Referências

ANTOUN, H. ; MALINI, F. (2010) *Ontologia da Liberdade na Rede: as multi-mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos*. In: XIX COMPÓS – Rio de Janeiro.

CASTELLS, M. (2009) *Comunicación y Poder*. Madrid: Alianza Editorial.

FREITAS, L. Q. (2010) *Medidas de centralidade em grafos*. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GILMOR, D. (2005) *Nós, os media*. Lisboa: Editorial Presença.

LE MOS, A. *Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão*. 2004, disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibermob.pdf>. Acesso em abril de 2014.

LOPES, D. E. B.; OLIVEIRA, J. P. F. O mundo árabe pós-2010: entre a primavera e o inverno. Em Debate, Belo Horizonte, v.5, n.2, p.64-75, Abril de 2013. Disponível em: <http://www.opiniaopublica.ufmg.br/emdebate/dawissonjoapaulo.pdf>. Acesso em abril de 2014.

MALINI, F. (2007) *O Comunismo das Redes*. Sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet. Rio de Janeiro.

NEGRI, A.; LAZZARATO, M. (2001) *Trabalho Imaterial – formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A.

QUINTANA, Y.; TASCÓN, M. (2012) *Ciberactivismo – las nuevas revoluciones de las multitudes conectadas*. Espanha: Catarata.

SHIRKY, C. (2011) *A Cultura da Participação, criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar.

UGARTE, D. (2007) *El poder de las redes*. Manual para personas, colectivos y empresas abocadas al ciberperiodismo. Madrid: Ediciones El Cobre.

Outras publicações dos autores

ANTOUN, H. (2015) Para Uma Internet Política das Subjetivações. *Revista Eco-Pós (Online)*, v. 18, p. 69-76.

ANTOUN, H.; MALINI, F. (2012) Monitoramento, vazamentos e anonimato nas revoluções democráticas das redes sociais da internet. *Revista Fronteiras (Online)*, v. 14, p. 68-76.

ANTOUN, H.; ROSEIRA, E. (2012) A agonística entre dispositivo de visibilidade e modos de subjetivação no blog da Galera de Capricho. *Culturas Midiáticas*, v. 05, p. 1-12.

ANTOUN, H.; Malini, F. (2009) Ontologia da liberdade na rede. A guerra das narrativas na Internet e a luta social na democracia. *Multitudes (Paris)*, v. HS 2, p. 184-197, 2010.

ANTOUN, H.. Web 2.0 e o Futuro da Sociedade Ciber cultural. *Lugar Comum (UFRJ)*, v. 27, p. 235-245.

FALCÃO, P.; MALINI, F. ; CANCIAN, A. (2014) Rede e Rua: o processo da adoção da hashtag #vemprarua nos protestos brasileiros de 2013. In: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2014, Vila Velha - ES. *Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*.

FALCÃO, P.. As lutas em rede e a constituição do comum: o #vemprarua no Brasil. In: Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da Puc-Rio, 2013, Rio de Janeiro. *Anais do Poscom 2013*.

FALCÃO, P.. A materialidade do Poder e as Metamorfoses do Capitalismo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM COMUNICAÇÃO E CONSUMO (Comunicon), 2012, São Paulo. *Anais do Comunicon 2012*.

FALCÃO, P.. Poder, Vigilância, Comum. Um estudo teórico sobre os Dispositivos. In: Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação, 2012, Niterói. *Anais do Coneco 2012*.

FALCÃO, P.; MALINI, F. (2011) Capitalismo Cognitivo e o Circuito Fora do Eixo. Economia Imaterial e Novas Formas de Distribuição no Mercado Musical. In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2011, São Paulo. *Anais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*.

